

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM "FORMAS DE VOLVER A CASA", DE ALEJANDRO ZAMBRA.

Luís Gustavo Machado Dias de Brito¹
UFPE

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a construção histórica da ditadura chilena por meio das memórias do narrador de Formas de volver a la casa, de Alejandro Zambra. Em sua obra, Zambra narrará a sua infância na década de oitenta até sua fase adulta. Tais relatos são narrados a partir de um sujeito que não sofre diretamente a violência imposta pelo regime de Pinochet, mas, com o passar dos anos, reconhece nas pessoas de sua geração estes desmandos. Para que a presente pesquisa fosse realizada, utilizamos os pressupostos teóricos de Pollack(1992), Nora(1993), Jelin(2002), Ricouer(2007), Blair(2008), Seligmann-Silva(2008), Ossa(2011), Rancière(2018), dentre outros . Por fim, as breves conclusões da presente pesquisa apontam para um caminho de que o literário, com o passar do tempo, tempo deixa de pertencer exclusivamente ao ficcional e permeado de significados relativos à subjetividade do indivíduo, seus sentimentos e relações sociais estabelecidas; passa também a cumprir o papel de construção das memórias dos indivíduos que a compõem e fazem continuar executando seu papel na sociedade, e atendendo à necessidade do indivíduo atual em deixar seus registros, seus vestígios, suas marcas, para que a partir delas possam ser reconstruídos os fatos passados.

Palavras-chave: Memória, Pinochet, Testemunho, Zambra.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que de 1974 a 1990 o Chile viveu um período sombrio em sua história. O campo das artes exerceu e ainda exerce um papel importante, porque a partir dele é possível ser retratado e rememorado fatos de uma época dolorosa para o povo chileno durante esses 16 anos de Pinochet. Além disso, o processo de redemocratização ainda contava com a tutela de seu antigo ditador. De fato, no processo de construção da memória de períodos ditatoriais, as experiências traumáticas se consolidam por meio de obras literárias que tentam transmitir os horrores das sanções impostas por tais regimes.

Desse modo, a primeira leitura, em termos literários, que vem a mente quando se fala em ditadura militar na América Latina, são as chamadas literaturas de testemunho. Essas retratam as várias facetas da violência que os seus narradores sofreram durante os chamados

¹ Doutorando em Teoria da Literatura, pelo PPGL/UFPE (2018-), Mestre(2015) em Teoria da Literatura pelo mesmo Programa de Pós-Graduação e Graduado em Licenciatura em Letras - Português, Inglês e suas Literaturas, pela UPE/Mata Norte (2010). Possui experiência profissional na Educação Básica e na Educação Superior e realiza pesquisa em Literatura Hispano-Americana, Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Literatura Africana em Língua Portuguesa. Atualmente é professor do quadro efetivo de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de Ensino de Pernambuco.e está Lotado na Gerência Regional de Ensino-Recife Norte na Escola Estadual Sylvio Rabello e também é professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Paulista-PE no Ensino Fundamental II.



regimes de exceção no continente latino-americano. Contudo, nem sempre o testemunho é narrado a partir da vítima que sofre com os abalos diretos, mas também pelos familiares desses cidadãos que, após sequestro ou prisão, eram violentados ou desapareciam de forma misteriosa.

O processo de construção narrativa em *Formas de volver a casa* traz elementos que versam entre o ficcional e biográfica numa perspectiva constitutiva de uma memória coletiva sobre a ditadura militar chilena, contudo de um ponto de vista diferente. Esta diferença pode ser percebida pela forma como o narrador constrói sua percepção sobre o regime Pinochet a partir de alguém que não sofre os efeitos diretos da violência imposta pelo regime e adquire tal consciência em relação ao período de exceção vivido por ele e por sua geração quando começa a construir seus laços de amizade fora de seu contexto familiar. Portanto, com base nessas informações, este estudo tem como objetivo refletir sobre a literatura como um lugar de memória.

Por fim, para a consolidação deste estudo, parte-se de algumas perspectivas de abordagem centrada no texto literário, mostrando a importância do diálogo da literatura com outros objetos numa perspectiva de construção de uma memória coletiva sobre eventualidades dolorosas como as ditaduras militares da América Latina e outros ângulos de visão sobre esse momento histórico para além de uma perspectiva de uma literatura de testemunho.

FORMAS DE NARRAR O TERROR: UM PASSADO QUE INSISTE EM SER PRESENTE.

Se for pensada a história das ditaduras militares de toda a América Latina, há sempre uma busca por testemunho das pessoas que sofreram diretamente com a violência desses regimes e tem a necessidade e o dever de narrar os fatos ocorridos consigo e com seus familiares. Para tanto, o processo de construção do passado na obra de Zambra ocorre de uma perspectiva diferente de modo que o narrador desperta sua consciência em relação ao regime quando começa a frequentar a escola e conversar com outras pessoas de fora de seu convívio diário. Antes disso, a impressão de infância que o narrador tinha de Pinochet não é igual a que ele desenvolve com quando já tem a capacidade de pensar a respeito do que ocorreu com o seu país durante a sua infância e adolescência. Isso pode ser explicitado no seguinte trecho da obra:

Me costaba imaginar el colegio destruido, aunque no era tristeza que sentía. Sentía simplemente curiosidad. Recordaba, en especial, el sitio baldío al final del terreno donde jugábamos en las horas libres y el muro que rayaban los alumnos de la media. Pensaba en todos esos mensajes volando en pedazos, esparcidos en la ceniza del suelo —recados burlescos, frases en favor o en contra de Colo-Colo o a favor o en contra de Pinochet. Me divertía mucho una frase especial: A Pinochet le gusta el pico.



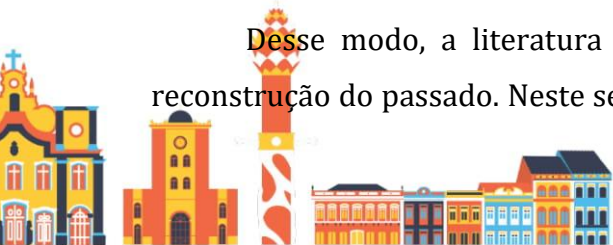
Entonces, yo estaba y siempre he estado y siempre estaré a favor de Colo-Colo. En cuanto a Pinochet, para mí era um personaje de la televisión que conducía un programa sin horario fijo, y lo odiaba por eso.[...]Tiempos después lo odié por hijo de puta, por asesino, pero entonces lo odiaba solamente por esos intempestivos shows que mi papá miraba sin decir una palabra, sin regalar más gestos que una piteada más intensa al cigarro que llevaba siempre cosido a la boca. (ZAMBRA, 2014, p.20-21)

A narrativa não nega o lado violento da ditadura chilena, deixando de lado as famílias que foram destruídas pelo regime Pinochet, uma vez que o narrador, como dito anteriormente, desperta sua consciência em relação às sanções impostas aos opositores deste regime a partir da adolescência que é quando o narrador começará a questionar sobre a postura de sua família diante do regime. Contudo, o ambiente da literatura possibilitaria a narrativa ser construída sobre qualquer ponto de vista no que se refere às memórias relacionadas a esse período, mas se desenvolve a partir de uma experiência que é diferente quando se trata de narrativas construídas sobre regimes ditatoriais, visto que essa mostra como as pessoas alheias ao regime se relacionam com esse.

Ahora no entiendo bem la libertad de que entonces gozábamos. Vivíamos em una dictadura, se hablaba de crímenes y atentados, de estado de sitio y toque de queda, y sin embargo nada me impedía pasar el día vagando lejos de casa. ¿ Las calles de Maipú no eran, entonces, peligrosas? De noche si, y de día también, pero com arrogância o com inocencia, o con una mezcla de arrogancia e inocencia, los adultos jugaban a ignorar el peligro: jugaban a pensar que el descontento era cosa de pobres y el poder asunto de ricos, y nadie era pobre ni era rico, al menos todavía, en las calles, entonces. (ZAMBRA, 2014, p. 23)

Ainda que o narrador e sua família não tenham sofrido com as sanções impostas pela ditadura no Chile, a reconstrução de um passado é sempre algo conflitante. Segundo Sarlo(2007,p.9), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. De fato, o dispositivo da memória é evocado pela narrativa de Zambra quando ele se refere à sua infância e a adolescência durante o regime Pinochet . Além disso, segundo Jelin(2002) o passado que é lembrado e esquecido é ativado no presente e com base nas expectativas futuras. Tanto no que diz respeito à própria dinâmica individual como à interação social mais próxima. Segundo Blair(2008), o significado político do testemunho é construído como forma alternativa de contar a história, em relação ao discurso monológico da historiografia do poder, por ser mais plural e buscar por novas identidades. A presença do testemunho na esfera pública tornou-se um espaço compartilhado. Esse espaço compartilhado se define nas palavras de Rancière(2018) como partilha do sensível. “Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.” (RACIÈRE, 2018, p.15)

Desse modo, a literatura tem sido o lugar em que a memória é chamada para a reconstrução do passado. Neste sentido, “o dever de memória faz de cada um o historiador de



si mesmo” (NORA, 1993, p.17), pois o lugar da memória é aquele no qual não é permitida a ação do esquecimento. Desse ponto de vista, a literatura tem prestado um serviço importante nessa ação. Segundo Sarlo(2007, p.117) , “ se tivesse falando por mim, diria que encontrei na literatura (tão hostil a que se estabeleçam sobre ela limites de verdade) as imagens mais exatas do horror passado recente de sua textura de ideias e experiências.” De fato, há uma diferenciação entre o discurso histórico e literário.

O par narrativa histórica/narrativa de ficção, tal como aparece já constituído no nível dos gêneros literários, é claramente antinômico. Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. Distingui-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre escritor e seu leitor. (RICOUER, 2007, p.274)

Sabe-se que a expectativa da leitura de um romance é diferente ainda que realista ou mesmo de natureza testemunhal. A narrativa de *Formas de volver a casa* deixa claro o jogo ficcional contido na obra. Entretanto, o literário com o passar do tempo deixa de pertencer exclusivamente ao ficcional e permeado de significados relativos à subjetividade do indivíduo, seus sentimentos e relações sociais estabelecidas e passar também a cumprir o papel de memória dos indivíduos que a compõem e fazem continuar executando seu papel na sociedade, e atendendo à necessidade do indivíduo atual em deixar seus registros, seus vestígios, suas marcas, para que a partir delas possam ser reconstruídos os fatos passados, ou seja, “a ordenação ficcional deixa de ser o encadeamento causal aristotélico das ações “segundo a necessidade e a verossimilhança”. Torna-se uma ordenação de signos. Todavia, essa ordenação literária de signos não é de forma alguma uma autorreferencialidade solitária da linguagem.”(RANCIÈRE, 2018, p.58)

O narrador de *Formas de volver a casa* sente a necessidade reconstruir os fatos passados em sua vida e das pessoas ao seu redor que sofreram as sanções impostas pelo regime Pinochet. Em muitos momentos da narrativa, o lado sombrio do período ditatorial é retratado a partir da personagem Claudia. Ela é a personagem que liga as lembranças da ditadura chilena a sua vida. Vale ressaltar que o narrador deixa claro que não é possível narrar por ela os fatos ocorridos com sua família.

Soy un hijo de una familia sin muertos, pensé mientras mis compañeros contaban sus historias de infancia. Entonces recordé intensamente a Claudia, pero no quería o no me atrevía a contar su historia. No era mía. Sabía poco, pero al menos sabía eso: que nadie habla por los demás. Que aunque queramos contar historias ajenas terminamos siempre contando la historia propia. (ZAMBRA, 2014, p. 105)

O narrador mostra um desejo de contar a memória de uma família que sofre diretamente os efeitos da ditadura. As pessoas de sua geração têm histórias para contar da maneira como eles sofreram na época de Pinochet. O cotidiano das pessoas que viveram a época do regime sem se envolver com as questões políticas continuava como se nada estivesse ocorrendo em seu país, como diz o narrador, neste trecho: “mientras los adultos



mataban o eran muertos, nosotros hacíamos dibujos en um rincón. Mientras el país caía a pedazos nosotros aprendíamos a hablar, a caminar, doblar las servilletas en forma de barco, de aviones”. (ZAMBRA, 2014, p. 56) . Anos mais tarde, a consciência em relação às sanções é que começa a incomodar o narrador. Além disso, ele faz a relação entre os livros e os mortos quando diz que “[...] mis amigos habian crecido leyendo los libros de sus padres o sus hermanos muertos habían dejado en casa. Pero en mi familia no había muertos nin había libros”. (ZAMBRA, 2014, p. 105). De fato, ele queria ter feito uma literatura de testemunho como nos moldes de autores que sofreram a violência dos regimes ditatoriais, mas isso não ocorreu com a sua família. É interessante ressaltar que as pessoas que faziam oposição ao regime eram intelectualizadas e que o povo estava às margens dessa discussão tanto na ditadura como atualmente política. A narrativa do romance expõe para o leitor que o resgate ao passado não é por intermédio das literaturas de testemunhos, uma vez que o trauma é um elemento marcante desse tipo de literatura.

O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. *Et pour cause*, se dermos uma pequena olhada sobre a história da literatura e das artes veremos que os serviços que elas têm prestado à humanidade e seus complexos traumáticos não é desprezível. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.70)

As memórias reivindicadas nas literaturas de testemunho relatam histórias, como dito anteriormente, de pessoas que sofrem diretamente com a violência, contudo o testemunho carrega pontos cegos em sua narrativa que são permeados de subjetividade. Isso não quer dizer que o literário não seja de suma importância para se entender as ditaduras da América Latina, visto que de acordo com Ossa(2011), a linguagem política não consegue domar a dor e nem possui o dom do incomensurável, ela só pode expressar a quantidade e o resultado. A transição democrática ao tentar reduzir linguisticamente o horror tornou-se uma tradutora de custos e indenizações. Neste aspecto, “a soberania estética da literatura não é, portanto, o reino da ficção. É, ao contrário, um regime de indistinção tendencial entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção e as ordenações da descrição e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social.”(RANCIÈRE,2018, p.55). Para além disso, a linguagem literária tende a ser um elemento que vai além de mensurar custos, visto não tem o compromisso com o real no sentido de verdade propriamente dita, mas tende a fazer efeito.

Os diálogos, na parte final do livro, revelam que o passado se faz presente no voto de seus pais nas eleições de 2010 no Chile. O apoio ao candidato de direita Sebastián Piñera é algo que incomoda o narrador. O pai dele quando fala da coligação de Michelle Bachelet se refere da seguinte maneira:

Los de la Concertación son una manga de ladrones, dice. No le vendría mal um poco de orden, dice. Y finalmente viene la frase temida y esperada, el hispanista que no pu



no voy a tolerar: Pinochet fue un dictador y todo eso, mato a algunas gente, pero al menos em ese tiempo había orden. (ZAMBRA, 2014, p. 129)

O diálogo com o seu pai mostra que o voto de seus pais para o candidato Sebastián Piñera se remete ao passado ditatorial vivido por eles. A ideia de que a violência é algo justificado para se garantir a ordem para o país faz com que o passado ainda seja presente na vida das pessoas que não sofreram de forma direta com a violência, contudo é interessante ressaltar que o pai do narrador tem a consciência de que houve violência contra os opositores do regime. Para tanto, isso é algo que revolta o narrador, porque ele conheceu pessoas que tiveram suas famílias destruídas na época de Pinochet. Com essa afirmativa do pai, o narrador chega a perguntar para ele se apoiava o ditador chileno, mas o pai demora a responder dizendo: “Finalmente dice que no, que no era pinochista, que aprendió desde niño que nadie iba salvarlos” (ZAMBRA, 2014, p. 130).

Envolver-se na política era algo que poderia ser muito perigoso para a família do narrador, visto que havia uma preocupação de seus pais em protegê-la não importando o que o governo fizesse com quem era opositor. Essa postura incomoda o narrador. A sua mãe revela que tinha medo do pai de Claudia, Roberto, por se envolver na política. Isso pelo fato de que as pessoas que estavam contra Pinochet sofreram com todos os tipos de sanções impostas a quem se opunha ao regime. É fato que as pessoas que não se metiam na política não queriam “problemas” desta natureza para a sua família. Desse modo, o narrador chega a afirmar que mesmo dizendo que não era a favor do regime eram cúmplices por não se posicionarem.

Todos estaban metidos en política, mamá. Usted también. Ustedes. Al no participar apoyaban a la dictadura —siento que en mi lenguaje hay ecos, hay vacíos Me siento como hablando según un manual de comportamiento.

Pero nunca, ni tu padre ni yo, estuvimos a favor o en contra de Allende, o favor de Pinochet. (ZAMBRA, 2014, p. 132)

O posicionamento da mãe em relação ao regime reforça a concepção do pai. Eles estavam preocupados com as necessidades básicas de sua família. Além disso, ela explica que tinha medo do pai de Claudia, porque era opositor ao regime. As pessoas que eram opositoras ao regime carregavam uma pecha de alguém que era perigoso. O regime ajudou a colocar essas pessoas não só como inimigas de Pinochet, mas também do país. É interessante ressaltar que no diálogo que se segue com a sua mãe ela fala sobre o pai de Claudia.

¿ Por qué le daba miedo Roberto?

Bueno, no sé si miedo. Pero ahora tú me dices que era un terrorista.

No era un terrorista.

Escondía a gente, ayudaba a a gente que corría peligro.

Y también ayudaba a pasar información.

¿ Y te parece poco?

Me parece ló mínimo que podia hacer.

Pero esas personas que escondían eran terroristas. Ponián bombas.

www.xicongressohispanistas.com.br

contato@xicongressohispanistas.com.br



Planificaban atentados. Eso es suficiente para tener miedo.
Bueno, mamá, pero las dictaduras no caen así como así. Esa lucha era necesaria.
Que sabes tú de esas cosas. Tú ni habías nacido cuando estaba Allende. Tú eras un crío en esos años. (ZAMBRA, 2014, p. 133)

A memória do regime que a mãe do narrador expõe é de uma parte da sociedade que é levada a pensar que as pessoas opositoras às ditaduras são as que violam a ordem social vigente trazendo o tumulto para a vida do país. Na obra, é deixado claro que eles não são defensores de Pinochet e nem do regime, são apenas pessoas que viveram um período em que a sua vida estava em paz, uma vez que não faziam oposição ao regime e continuavam a viver sem se preocupar com questões que não eram relevantes no que se refere ao bem estar de sua família. A mãe tenta deslegitimar o que o filho conta sobre os opositores ao regime, porque ele era apenas uma criança e não teria capacidade para lembrar o que ocorreu de fato. Neste aspecto, Halbwegs(2017, p. 43) diz que “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social”. De fato,

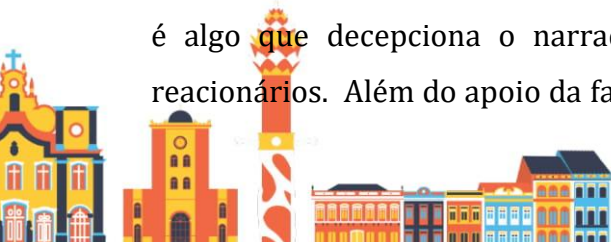
A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. (POLLACK, 1992, p.5)

Desse modo, a memória individual está interligada à memória coletiva, pois exerce um papel constitutivo das lembranças que os indivíduos têm em comum na união de um grupo social. De fato, memória coletiva é composta pelas lembranças de cada um dos indivíduos que pertencem a uma determinada coletividade e, por isso, apresentam formas e conteúdos semelhantes de memória. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a memória coletiva seria o fundamento sobre como cada indivíduo constrói suas lembranças individuais.

As lembranças construídas pelos pais do narrador em relação ao período de Allende é a das piores, visto que neste período houve uma falta de abastecimento. Sabe-se que isso foi uma manobra por parte de empresários chilenos ligados aos Estados Unidos que queriam derrubar o então eleito Allende, contudo essa consciência não existe por parte de seus pais que dizem que faltavam vários produtos nas prateleiras dos mercados durante o período que antecede o golpe de Pinochet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto durante a exposição do estudo, vê-se que o narrador sente que o passado parece estar presente na sociedade chilena. O apoio da família ao candidato de direita é algo que decepciona o narrador ao dizer que Piñera é uma pessoa ligada a grupos reacionários. Além do apoio da família, ele percebe que o seu candidato irá perder as eleições



e mesmo assim ele vota com um sentimento ruim em relação ao que virá com o governo que ganhará as eleições em 2010.

Voto com un sentimiento de pesadumbre, con muy poca fé. Sé que Sebastián Piñera ganará la primera vuelta y segura que también ganará la segunda. Me parece horrible. Ya se ve que perdimos la memoria. Entregaremos plácida, cándidamente el país a Piñera y al Opus Dei y a los Legionarios de Cristo. (ZAMBRA, 2014, p. 155-156)

Ainda que a sua família tenha apoiado o candidato de direita, o narrador tem a consciência do que representa os ideais do grupo político de Piñera. Além disso, essa eleição é algo marcante na breve história da democracia chilena, porque desde 1990 um candidato de direita não ganhava uma eleição no Chile. Dessa forma, o passado se materializa para o narrador, contudo sem a repressão imposta pelo ditador de outrora. Isso ocorre, pois, a memória individual se relaciona com meio social, pois as lembranças individuais estão baseadas na vida social, não ocorrendo isoladamente das ações, ou seja, as lembranças são constituídas no contexto das relações individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

Blair, E. **Los testimonios o las narrativas de las memorías**. in: Estudios Políticos, núm. 32.p. 85-115, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2017 .

JELIN, E. **¿ De qué hablamos cuando hablamos de memorias?**. in: JELIN, E. Los trabajos de la memoria. 1. ed. Madrid : Siglo XXI, v. 1, Cap. 2. 2002

NORA, P. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. in: Projeto História 10. História & Cultura. São Paulo: EdiPUC, 1993.

OSSA, C. **El trabajo de nemosine**. Manuscrito, Ponencia, Managua, Nicaragua, p. Sem numeração , 2011.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. in: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, p.200-215, 1992.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental/ Editora 34, 2018.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, B. **Tempo Passado Cultura da Memória e guinada subjetiva**. Tradução: Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia as Letras/Belo Horizonte: UFMG. 2007

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes histórica. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p. 65-82, 2008.

ZAMBRA, A. **Formas de volver a casa**. Barcelona : Editorial Anagrama , 2014.

